

23 de abril de 1958

Seminário da quarta-feira de 23 de abril de 1958

Trata-se de continuar a aprofundar esta distinção do desejo e da demanda, que consideramos como tão essencial na boa condução da análise. Caso contrário pensamos que ela desliza invencivelmente em torno de uma especulação prática fundada sobre os termos da frustração por um lado, e da gratificação por outro lado, que, a nosso ver, constitui um verdadeiro desvio de sua via.

Aquilo de que se trata é, pois, de prosseguir no sentido de algo a que já demos um nome: a distância do desejo à demanda. Não é de forma alguma uma *Spaltung* não é um termo que uso ao acaso. É um termo que foi, senão introduzido, ao menos fortemente enfatizado no último escrito de Freud, aquele em meio ao qual, se assim se pode dizer, a pena lhe caiu das mãos, porque ela lhe foi simplesmente arrancada pela morte, este *Ichspaltung*

Como verdadeiro ponto de convergência ao qual a última meditação de Freud, se podemos dizer, volta e meia o trazia, é algo de que não temos mais senão um fragmento, algumas páginas que estão no *Gesammelt Werke*

O delírio, para fazer surgir em vocês a presença no espírito de Freud da questão que levanta. Verão igualmente com que força ele enfatiza que a função de síntese do *eu* [m] está longe de ser tudo quando se trata do *Ich* psicanalítico.

Na última vez, para retomar o que disse, pois creio que não se poderia progredir senão dando três passos para a frente e dois passos para trás, e partindo e ganhando cada vez um pequeno passo. Vou tentar lembrar, contudo, rapidamente aquilo sobre que insisti na última vez ao falar do desejo por um lado e da demanda por outro lado, a saber, no que concerne ao desejo, o que chamei de seu caráter ligado, inseparável da máscara. Ilustrei muito especialmente com uma recordação disto: é que é correr demais, o fato de distinguir o sintoma como um simples *sob* a um *de fora*.

Falei da doente *Elizabeth von R.*, de quem se pode dizer, ao ler simplesmente o texto de Freud, e Freud também o diz, que a dor no alto de sua coxa direita, é o desejo de seu pai, e o desejo de seu amigo de infância, que a cada vez que ela evoca-a na história de sua doença, no momento onde ela estava inteiramente escravizada pelo desejo de seu pai, pela demanda de seu pai, e onde quase que não se exercia esta infração de desejo de seu amigo de infância, que ela se censurava por levar em consideração; e que a dor de sua coxa esquerda é o desejo de seus dois cunhados, na medida em que um representa o bom desejo masculino, aquele que desposou sua irmã mais jovem, e o outro, o mau, que por sinal foi considerado por todas estas damas, como um homem muito mau.

Além desta observação, a saber, daquilo que se deve saber considerar antes de entender o que quer dizer nossa interpretação do desejo, é que no sintoma, e é isso que quer dizer conversão, o desejo é idêntico à manifestação somática que é seu direito como também é seu avesso.

Por outro lado, introduzi - porque se progredimos é porque as coisas só estão introduzidas sob forma de problemática - esta problemática do desejo, na medida em que a análise o mostra como determinado por um ato de significação, não entrega, absolutamente, de maneira acabada, seu sentido. É possível que o desejo seja um subproduto, se assim posso me expressar, deste ato de significação. Em um dos artigos que lhes citei como sendo a introdução verdadeira à questão da perversão - na medida em que ela também se apresenta

23 de abril de 1958

como um sintoma e não como pura e simples manifestação de um desejo inconsciente, representando o momento em que os atores se apercebem que há tanto “V.....”¹ numa perversão quanto num sintoma - num destes artigos publicados no *International Journal*, quarto ano, *Neuroses e Perversões*, se trata do caso de um sujeito neurótico, e o autor se detém neste fato de que um sujeito, após ter conseguido seu primeiro coito de maneira satisfatória - não quer dizer que as outras não o serão depois - mas imediatamente após este primeiro coito ele se entrega a este ato misterioso, único na verdade, em sua existência: voltando para casa, de volta daquela que lhe concedeu seus favores, ele se entrega a esta exibição particularmente bem sucedida - creio que já aludi a isso num de meus seminários - particularmente bem sucedida nesse sentido que ela se realiza com o máximo de plenitude, e por outro lado, de segurança. Ele tira a calça e se exhibe ao longo de um aterro de via férrea, e, à luz de um trem que passa, se exhibe a uma multidão inteira, sem evidentemente correr o menor perigo, e este ato é interpretado pelo autor na economia geral da neurose do sujeito, de maneira mais ou menos feliz.

Não é deste lado que vou me deter, mas sobre algo que é isto: Certamente, para um analista, isto é um ato significativo, como se diz, está certo, mas qual significação? Isso quer dizer que ainda há?

Repito que ele acaba de cometer sua primeira copulação. O que isso quer dizer? Que ele a tem ainda à disposição de todos, isto é, que ela se tornou como a propriedade pessoal? O que ele quer, de alguma forma, ao mostrá-lo? Será que ao mostrá-lo, ele quer se esconder, desaparecer atrás daquilo que mostra? Não ser mais nada senão o falo?

Tudo isto é igualmente plausível, e mesmo no interior de um só e mesmo ato, de um só e mesmo contexto subjetivo, o que aí parece antes de mais nada, ser extremamente importante e digno de ser enfatizado, eu diria, mais que qualquer outra coisa e que está bem sublinhado, confirmado pelos dizeres do paciente, pelo contexto da observação, pela própria seqüência das coisas, é que este primeiro coito foi plenamente satisfatório.

O que o ato mostra primeiro e principalmente, antes de toda e qualquer interpretação, é que sua satisfação está tomada e realizada; este ato indica o que fica a desejar além da satisfação.

Lembro simplesmente este pequeno exemplo para fixar as idéias sobre aquilo que quero dizer, sobre a problemática do desejo na medida em que está determinado por um ato de significação e na medida em que tudo isto é distinto de todo e qualquer sentido apreensível. Quero também lembrar a este propósito e acrescentá-lo ao que disse na última vez, que as considerações desta espécie, aquelas que mostram a profunda coerência, coalescência do desejo com o sintoma, a máscara com aquilo que aparece em sua manifestação, é algo que recoloca em seu lugar muitas perguntas vãs feitas a respeito da histeria, mas muito mais ainda a propósito de fatos sociológicos, etnográficos e outros, onde se vê sempre as pessoas se confundirem em torno da questão.

Tomemos um exemplo. Acabou de ser publicada uma plaqueta excelente, como número de uma pequena coleção *O Homem*, editada por Plon. É o livro de *Michel L aris* sobre o efeito de possessão e sobre os aspectos teatrais da possessão, coisas que ele desenvolve em torno de sua experiência com os etíopes do Gondar. Ao ler este excelente volume, vemos bem o quanto fatos de transe de uma consistência incontestável se aliam, se casam perfeitamente

¹ *Verleugnung* deve ser a palavra que falta no texto original.

23 de abril de 1958

com um certo caráter externamente tipificado, determinado, esperado, marcado antecipadamente, conhecido pelos *espíritos* que são reputados se apoderarem da subjetividade das personagens que manifestam todas estas manifestações singulares, pois ao observar as cerimônias ditas do, posto que é disso que se trata na região indicada, e muito mais, que isso não é esta parte convencional que se pode notar, que se manifesta, que se reproduz a propósito da manifestação da encarnação de tal ou tal espírito. É o caráter disciplinável destas manifestações e até certo ponto, tão disciplinável, que os sujeitos o percebem como algo que é um adestramento dos espíritos. No entanto, são aqueles que são reputados se apoderarem deles. Mas a coisa se inverte: os espíritos têm sua aprendizagem para se comportarem bem.

O fenômeno de possessão, com tudo quanto comporta de fenômenos fortemente inscritos nas emoções, em todo um patético onde o sujeito está inteiramente possuído durante o tempo da manifestação, é perfeitamente compatível com toda esta riqueza ligada às insígnias do deus, do gênio, e que dela fazem, de maneira totalmente artificial, uma espécie de problema que nossa mentalidade tentaria inscrever sob o tipo de simulação, imitação, ou outros termos desta espécie. A própria identidade da manifestação desejante com suas formas, é aí totalmente tangível.

O outro ponto, o outro termo no qual se inscreve esta dialética, esta problemática do desejo, é aquilo sobre que insisti na última vez. É esta excentricidade do desejo em relação a toda e qualquer satisfação que nos permite entender o que em geral é sua profunda afinidade com a dor. Isto é dizer que no limite, aquilo a que confina pura e simplesmente o desejo, não mais em suas formas desenvolvidas, suas formas mascaradas, mas em sua forma pura e simples, é esta dor de existir que representa o outro pólo. O espaço, para dizer da área, no interior de que sua manifestação se apresenta a nós.

No oposto, pois, desta problemática, ao descrever assim o que chamo de a área do desejo, sua excentricidade em relação à satisfação, ao descrever assim, evidentemente não pretendo resolvê-la. Não é uma explicação que dou aqui, é uma posição do problema, e é nisso que devemos nos engajar hoje.

Por outro lado, lembro o outro elemento do díptico da oposição que propus na última vez. É aquele ligado ao caráter de função identificadora, de função idealizante, na medida em que se encontra dependente da dialética da demanda, na medida em que a identificação de tudo quanto ocorre neste registro, se fundamenta numa certa relação ao significante, noutro significante aqui que em seu conjunto caracterizado, e a propósito da demanda na qualidade de signo da presença do Outro e de como aí também se institui algo que deve ter uma relação com o problema do desejo que é aquilo em que este signo da presença vem dominar as satisfações que traz esta presença, aquilo em que de maneira tão fundamental, de maneira tão extensa, tão constante, o ser humano se contenta com outro tanto, pelo menos, de palavras numa proporção sensível muito ponderável em relação a satisfações mais substanciais. É simplesmente lembrada a característica fundamental que se relaciona àquilo que acabei de lembrar.

Isto para falar do ser humano. Aqui mais um parêntese complementar daquilo que eu disse na última vez: não é absolutamente só o ser humano que se contenta com palavras até um certo grau; sabemos que certos animais domésticos têm alguma satisfação com o falar humano. Não preciso fazer evocações, mas aprendemos até coisas estranhas. Parece haver um grau de credibilidade que se pode fazer aos dizeres daqueles que são chamados de maneira mais ou menos apropriada de especialistas. Ouvimos que as martas cativas, com

23 de abril de 1958

vistas a lucro, a saber, para ter lucro com sua pele, definham e dão pouco lucro aos peileiros se não se conversa com elas. Isso torna, pelo que dizem, a criação destes animais muito onerosa, aumentando os custos gerais.

Pareceria, pois, que algo em todo caso se manifesta, em cuja problemática não temos meios de entrar, mas que deve estar ligado ao fato de estarem fechados, porque em estado selvagem estes animais, segundo aparece, não tem possibilidade, salvo informação mais ampla, de encontrarem tal satisfação.

Para dizer tudo, gostaria simplesmente de indicar a relação, a direção na qual podemos ver, em relação a nosso problema, os estudos pavlovianos dos reflexos condicionados. Afinal de contas, o que são os reflexos condicionados?

Sob suas formas mais difundidas, e que têm ocupado a maior parte da experiência, os reflexos condicionados são a intervenção num ciclo mais ou menos pré-determinado, nato, um ciclo de comportamentos instintivos. Todos estes pequenos sinais elétricos, estas pequenas cigarras, estes pequenos sinos, com que estes pobres animais são timpanizados, para se conseguir fazê-los produzir suas secreções fisiológicas, seus gástricos às ordens, são significantes e mais nada. São fabricados por seres. Em todo caso, experimentadores para os quais o mundo está muito nitidamente constituído por um certo número de relações objetivas, e dentre as quais aquilo que se pode com razão isolar como propriamente significativo, constitui uma parte importante deste mundo.

Aliás, é no intuito de mostrar por que espécie de via, de substituição progressiva e concebível de um progresso psíquico, todas estas coisas são construídas e elucubradas.

Até um certo ponto, poder-se-ia perguntar por que, afinal de contas, nestes animais tão bem ensinados, isto não corresponde a ensinar-lhes uma espécie de linguagem. O que não é a única coisa que merece ser notada, mas é que justamente o salto não é dado, e quando a teoria pavloviana vem pôr em jogo o que ocorre no homem a respeito da linguagem, ele ou ela (Pavlov ou a teoria) toma o muito justo partido de falar, no tocante à linguagem, não de um prolongamento do sistema de significações tal como está posto em jogo nos reflexos condicionados, mas de um segundo sistema de significações. Isto é implicitamente reconhecer aquilo que talvez não esteja plenamente articulado na teoria, mas reconhecer que há algo diferente em um e outro. E o que é diferente, diríamos que podemos tentar definir esta distinção, esta diferença nisto, que ele deve se situar naquilo que chamamos de relação ao grande Outro, na medida em que isto constitui o lugar de um sistema unitário ou significativo, ou ainda, diríamos, que o que falta a este discurso dos sinais, é a concatenação para o sujeito interessado, isto é, para o animal.

Afinal de contas, o que formularia simplesmente, nós o enunciaríamos sob esta forma de dizer que, em suma, qualquer que seja o caráter levado longe destas experiências, o que não é encontrada, e que talvez não se trate de achar, é a lei na qual estes significantes postos em jogo se ordenariam. O que equivale a dizer que é a lei à qual os animais obedeceriam.

Fica absolutamente claro que não há traços de referência a uma tal lei, isto é, a nada que haja além do sinal, sequer uma curta cadeia de sinais uma vez estabelecidos. Nenhuma espécie de extrapolação legalizante aí está perceptível, e é efetivamente nisso que se pode dizer que não se consegue instituir a lei. Repito, não é dizer por isso que não haja nenhuma dimensão do Outro com um grande O para o animal. Nada se articula efetivamente no interior na qualidade de discurso.

23 de abril de 1958

Pois aquilo a que chegamos, se resumirmos aquilo de que se trata na relação do sujeito ao significante no Outro, a saber, o que ocorre na dialética da demanda, é essencialmente o que caracteriza o significante, não como substituído, o que é o caso nos reflexos condicionados, como substituído às necessidades do sujeito, mas o próprio significante como podendo ser substituído a ele mesmo, como sendo essencialmente de natureza substitutiva, e é nesta direção que vemos a dominância daquilo que importa, a saber, o lugar que ocupa no outro. O que vemos despontar nesta direção é o que tento formular aqui de diversas maneiras, como essencial à estrutura significante, isto é, este *espaço topológico* para não dizer *tipográfico*, que disso faz justamente a lei de sua substituição, esta numeração dos lugares, estes lugares numerados que dão a estrutura fundamental de um sistema significante como tal.

É na medida em que o sujeito se presentifica no interior de um mundo assim estruturado na posição de Outro, que este algo que é um fato evidenciado pela experiência, que se chama identificação, se produz. Na falta da satisfação, é a um sujeito que pode a aceder à demanda que o sujeito se identifica.

Na última vez, eu os deixei aqui, colocando a questão: Então por que não o maior pluralismo nas identificações? Tantas identificações quanto demandas insatisfeitas? Tantas identificações quanto há outros que se colocam na presença do sujeito como aquele que responde ou não responde à demanda?

A chave desta distância, desta *Spaltung* aqui se encontra refletida pela construção deste pequeno esquema que coloco hoje pela primeira vez no quadro, e que constitui algo que devemos reencontrar nas três linhas que já repeti duas vezes. Penso que as têm em suas notas, mas posso lembrá-las, a saber, a linha que liga o *pequeno d do desejo* de um lado, por intermédio desta relação do *sujeito pequeno a*, à *imagem de a e a m*, isto é o *eu [m]*. A segunda linha representando precisamente a demanda, na medida em que vai da demanda à identificação, passando pela posição do outro em relação ao desejo, isto é, que vocês vêm aqui decompor o outro, na medida em que é além dele que há o desejo, e passando pelo significado de *a* que a esse nível se colocaria aqui, quero dizer numa primeira etapa do esquema que era aquela que fiz na última vez, isto é, ao fato de que só responde à demanda e que precisamente vai por causa de algo que é o que procuramos num segundo tempo, se dividir numa relação não simples, mas dupla, que aliás já comecei por outras vias, as duas cadeias significantes: a primeira, que está aqui quando está só e simples ao nível da demanda, estando aqui na medida em que é uma cadeia significante através da qual a demanda deve aparecer, vai intervir outra coisa que duplica esta relação significante, é esta duplicação da relação significante, na medida em que vocês podem, por exemplo, entre outras coisas, mas naturalmente não de maneira unívoca, identificá-la, como tem sido feito até o presente momento, à resposta da mãe.

No tocante à linha inferior, isto é, ao que ocorre, em suma, ao nível da demanda, ao nível em que a resposta da mãe faz, somente ela, a lei: isto é, em suma, submete o sujeito ao seu arbítrio, a outra linha representando a intervenção de outra instância correspondente à presença materna e ao mundo sob o qual sua instância se faz sentir além da mãe, e evidentemente isso não é tão simples, e se tudo com efeito fosse uma questão de mamãe e de papai, vejo dificilmente como poderíamos pelo menos dar conta, dos fatos com os quais lidamos.

É pois, na questão desta *Spaltung* que é pura e simplesmente aquela que é idêntica, responsável desta hiância entre o desejo e a demanda, desta discordância, desta divergência

23 de abril de 1958

que se estabelece entre o desejo e a demanda, que vamos agora nos introduzir, e é por que devemos voltar a perguntar o que é um significante.

Sei que vocês se perguntam sobre isso toda vez que nos separamos após uma conferência. Afinal, o que ele quer dizer? Vocês tem razão de perguntar, pois afinal não é evidente, não é corriqueiro.

Retomemos a questão no nível elementar.

Proponho que detenham seu pensamento sobre um certo número de observações. Por exemplo, não pensam que tocamos em algo que é pelo menos, não sei que exemplo, talvez algo a propósito de que se poderia falar de emergência? Se observarmos o que tem de específico o fato, não de um traço, pois um traço é uma impressão, uma marca cunhada, não é um significante. Se sente, todavia, que pode haver uma relação e que na verdade o que se chama de material significante participa sempre um tanto do caráter evanescente do traço. Isto parece ser uma das condições da existência do material do significante. Isto não é, no entanto, um significante, mesmo se o pé de *Sexta-Feira* que Robinson descobre no decurso de seu passeio na ilha, não é um significante, mas em compensação, supondo-se que Robinson, por uma razão qualquer, apague esse traço, aí introduzimos nitidamente a dimensão do significante. É a partir do momento em que se apaga, onde apagar tem um sentido, que o que é traço é manifestamente constituído como significado.

Vê-se aí que se o significante é um cadinho, na medida em que testemunha de uma presença passada, e que inversamente, naquilo que é significante, há sempre no significante plenamente desenvolvido que é a palavra, há sempre de passagem algo que está além de cada um dos elementos articulados, e que são por sua natureza fugazes, evanescentes. É esta passagem de um a outro que constitui o essencial daquilo que chamamos de a cadeia significante, e esta passagem, na qualidade de evanescente, é o que se comprova.

Nem digo articulação significante. É possível que seja uma articulação que permaneça enigmática, mas que o que o sustenta seja fé. É também a este nível que emerge o que responde àquilo que temos designado primeiro do significante como testemunhando de uma presença que passou inversamente numa passagem que é atual. O que se manifesta é algo que o aprofunda, que está além e que dele faz uma fé.

Em suma, aí também, o que reencontramos, depois que isso seja apagado, se houver um texto, é o que permanece, a saber, se este significante se inscreve entre outros significantes, é o que resta, é o lugar onde se apagou, e é este lugar também que sustenta a transmissão, que é algo essencial graças a que o que se sucede na passagem toma consistência de fé.

Não estamos aí senão no nível e no ponto da emergência, mas um ponto essencial a ser agarrado: isto que faz com que o significante como tal seja algo que pode ser apagado, que não deixa mais senão seu lugar, isto é, que não pode mais ser encontrado. É que esta propriedade, que é essencial e que faz com que, se se pode falar de emergência, não se possa falar de desenvolvimento. Na realidade o significante a contém em si mesmo, quero dizer que uma dessas dimensões fundamentais do significante é poder se anular. Há para isso uma possibilidade que podemos na oportunidade qualificar de modo do próprio significante, que se materializa através de algo muito simples que nós todos conhecemos e que não poderíamos deixar de vê-lo dissimular a originalidade pela trivialidade. É a barra. Toda e qualquer espécie de significante é por natureza algo que pode ser barrado.

23 de abril de 1958

Desde que há filósofos que pensam fala-se muito da² e se aprendeu a fazer uso dela de maneira astuta, mais ou menos astuta. Esta palavra quer dizer ao mesmo tempo anulação, e essencialmente é o que ela quer dizer: por exemplo, cancela minha assinatura de um jornal, ou minha reserva; quer dizer também, graças a uma ambigüidade de sentido que a torna preciosa na língua alemã, elevar a um poder, uma posição superior. Não parece que se detêm bastante nisto, que se pode ser, propriamente falando, cancelado. Só há uma coisa, uma espécie de coisa, eu diria grosseiramente, que pode ser: é um significante, pois na verdade, quando anulamos qualquer outra coisa, quer seja isso imaginário ou real, é simplesmente porque, ao fazê-lo, e por isso mesmo, só fazemos cancelar aquilo de que se trata. Nós o elevamos ao grau patente, à qualificação de significante.

Há, pois, no interior do significante, de sua cadeia e de sua manobra, de sua manipulação, algo que sempre é capaz de destituição de sua função na linha ou na linhagem. A barra é um signo de bastardia, de destituí-lo como tal, em razão desta função propriamente significante daquilo que chamaremos de a consideração geral. Quero dizer, daquilo em que no dado da bateria significante, enquanto ela constitui um certo sistema de signos disponíveis, e num discurso atual, concreto, o significante decai de sua função que seu lugar lhe constitui, que arranquei desta consideração ou constelação que o significante institui aplicando-se sobre o mundo, pontuando-o, e que de lá ele cai da consideração na designação, a saber, que está marcado por isto que precisamente ele deixa a desejar.

Não me divirto em brincar com as palavras. Quero simplesmente por este uso das palavras, lhes indicar uma direção por onde nos aproximamos deste elo da manipulação significante a nosso objeto que é o do desejo, de sua oposição da consideração à desideração marcada pela barra do significante, aqui evidentemente somente destinada a indicar uma direção, um começo.

Isto evidentemente não resolve o problema do desejo, qualquer que seja a economia à qual se preste esta conjunção de dois termos na etimologia latina da palavra desejo, em francês. Fica que, propriamente falando, é na medida em que o significante se apresenta como anulado, como marcado pela barra, que temos, propriamente falando, o que podemos chamar de um produto da função simbólica de um produto, produzido justamente na medida em que está isolado, que é distinto da cadeia geral do significante e da lei que ela institui. É unicamente a partir do momento onde ele pode ser barrado, que qualquer significante que seja tem seu estatuto próprio, isto é, entra nesta dimensão que faz com que todo e qualquer significante seja em princípio já para distinguir aquilo que quero dizer, da anulação que é tão essencial.

O termo usado por Freud está em alguns lugares muito divertidos onde parece que ninguém pensou em ir buscá-lo. Por isso, de repente, se é Freud que usa anulação, não é que tenha a mesma ressonância. Em princípio, todo e qualquer significante é revogável. Então disso resulta algo: a partir do momento em que fizemos observações que são estas, isto é, que para tudo quanto não é significante, isto é, em particular, na oportunidade, para o real, a barra se torna um dos modos mais seguros e mais curtos de sua elevação à dignidade de significante, e isto, já fiz observar de maneira extremamente precisa a propósito do fantasma da criança castigada, quando fiz observar que na segunda etapa da evolução deste fantasma, a saber, aquele que Freud indica como aquele que deve ser reconstruído, e como nunca tendo, salvo de soslaio e em casos excepcionais, avistado este

² *Aufhebung*, *Suprassunção*, deve ser o termo que não está no original.

23 de abril de 1958

signo que, na primeira etapa, era o do apaziguamento do irmão odiado, a saber que foi espancado, que apanhou do pai.

No segundo tempo, e quando se trata do próprio sujeito, ele se torna, pelo contrário, o signo que é amado, este sujeito, ele tem acesso à ordem do amor, ao estado de ser amado, porque apanha, o que não deixa de colocar um problema, haja visto a mudança de sentido que esta ação tomou no intervalo, e isto só é concebível no caso justamente em que este mesmo alvo, quando se trata do outro, é tomado como uma sevícia e percebido como tal pelo sujeito, como signo de que o outro não é amado. Quando é o sujeito que se torna o suporte disso num dado momento de sua posição em relação ao outro, este ato toma seu valor essencial, e sua função de significante. É porque é na medida em que neste ato o próprio sujeito se encontra elevado a esta dignidade de sujeito significante, que é tomado naquele momento em seu registro primitivo, em seu registro inaugural. Ele o institui propriamente falando, como um sujeito com o qual pode se tratar de amor.

É o que Freud - deve-se sempre voltar às frases de Freud pois elas são sempre absolutamente lapidares - nas poucas seqüências psíquicas da diferença anatômica dos sexos, exprime: *A criança então castigada se torna amada, apreciada no plano do amor.* E é precisamente naquele momento, isto é, neste artigo de que estou falando, que Freud introduz a observação que estava simplesmente implicada em “.....”, isto é, que eu tinha iniciado pela análise do texto, mas que Freud, aí, formula claramente sem absolutamente a motivar, mas orientando-a com esta espécie de faro prodigioso que é o seu, e que é tudo o que está em causa nesta dialética do reconhecimento deste além do desejo. Ele diz:

Esta fixidez toda particular que se lê na forma monótona ‘de uma criança castigada’, verossimilmente só possibilita uma única significância: a criança castigada é de fato apreciada.

Trata-se das meninas neste estudo, e o que Freud reconhece a esta “.....”. A palavra é muito difícil a traduzir em francês porque tem um sentido ambíguo em alemão; quer dizer ao mesmo tempo fixo, no sentido de um olhar fixo e rígido. Não é absolutamente em relação, apesar de estarmos aí na contaminação dos dois sentidos, eles têm uma analogia em história, e é justamente daquilo que se trata, que vemos despontar este algo do qual já marquei o lugar do nó no que se trata de desatar por enquanto, a saber, a relação que há entre o sujeito como tal, o falo aqui como objeto problemático, e a função essencialmente significante da barra, na medida em que ela entra em jogo no fantasma da criança espancada.

Para tal não basta se contentar com este clitóris que de tantos pontos de vista, deixa muito a desejar. Trata-se de ver por que ele está aqui numa certa postura tão ambígua que afinal de contas, se Freud o reconhece naquilo que é castigado, na oportunidade, é porque o sujeito ao contrário não o reconhece como tal. Trata-se do falo na medida em que ocupa um certo lugar na economia do desenvolvimento do sujeito, na medida em que ele é o suporte indispensável desta construção subjetiva, na medida em que ele gira em torno do complexo de castração e do *penis-neid*, e se trata de ver agora como ele entra em jogo nesta relação, é tomado, neste agarramento do sujeito pelo significante, ou inversamente daquilo de que se trata por esta estrutura significante tal como acabei de lembrar aqui um dos termos essenciais.

Para tal, convém se deter um instante sobre o modo sob o qual, afinal de contas, o falo pode ser considerado. Por que se fala de falo e não pura e simplesmente de pênis? Por que, aliás, vemos outra coisa? E o modo sob o qual fazemos intervir o falo? Outra coisa é a

23 de abril de 1958

maneira pela qual o pênis vem, de maneira mais ou menos satisfatória supri-lo, tanto para o sujeito masculino quanto para o sujeito feminino. Também em que medida o clitóris na oportunidade toma parte no que podemos chamar de as funções econômicas do falo?

Observemos o que, na origem, é o falo, o *phalós*. É aí que o vemos pela primeira vez atestado nos textos, na Antigüidade grega onde, se formos buscar os textos onde eles estão, em diferentes lugares de Aristófanes, Heródoto, etc, vemos primeiro que o falo não é idêntico ao órgão na qualidade de pertencente ao corpo, prolongamento, membro, órgão em função, se assim se pode dizer. O *phalós* é um modo que domina muito, usado a propósito de um simulacro, de uma insígnia, qualquer que seja o modo sob o qual ele se apresente, quer se trate de um pau no topo do qual estão suspensos os órgãos viris, quer trate de uma imitação dos órgãos viris, quer se trate de um pedaço de madeira, de um pedaço de couro, ou de uma série de variedades sob as quais ele se apresente, é algo que é um objeto substitutivo e ao mesmo tempo, esta substituição é sua propriedade no sentido em que acabamos de entendê-lo, da substituição-signo. Pode-se dizer que quase e até inclusive o uso desta substituição, ela tem todos os caracteres de um substituto real, esta espécie de objetos que chamamos nas boas piadas, e sempre mais ou menos com o sorriso, que tratam dos objetos mais singelos, se se pode dizer, pelo caráter inencontrável que há na indústria humana. É uma coisa que não se pode deixar de levar em conta quanto à sua existência e à sua própria possibilidade.

O *lesbos* em grego é freqüentemente confundido com o *phalós*. Em resumo, o que é surpreendente na instância deste objeto, muito singelo que, para os antigos e além de toda e qualquer espécie de dúvida, faz o papel, nos mistérios, do objeto em torno do qual, se assim se pode dizer, estava colocado e, ao que parece, a tal ponto que a iniciação levantava os últimos véus, isto é, de um objeto que, para a revelação do sentido, era considerado com um caráter significativo último.

Será que tudo isto não nos põe no caminho daquilo de que se trata, ou seja, este papel econômico prevalente do falo como tal, isto é, na qualidade daquilo que apresenta o desejo em sua forma mais manifesta?

Eu o oporei termo por termo ao que dizia do significante que é essencialmente oco e que se introduz no ou pleno do mundo. Inversamente, o que se manifesta no falo, é o que da vida se manifesta da maneira mais como turgescência, como impulsão, e sentimos bem a imagem do falo no fundo de tudo quanto manipulamos como termos que fazem com que em francês tenha sido por *pulsão* que a palavra alemã *Trieb* pôde ser traduzida, este objeto privilegiado, se assim se pode dizer, do mundo, da vida, que por sinal em sua denominação grega se aparenta a tudo quanto é da ordem do fluxo, da seiva, até da própria veia, pois parece que é a mesma raiz que há em e em falo. Parece, pois, que as coisas são tais que este ponto mais manifesto, mais manifestado do desejo em suas aparências vitais, é justamente o que não pode entrar na área do significante, só desencadear nela a barra. Tudo quanto é da ordem da intrusão, do impulso vital como tal, se encontrará, na medida em que vem aqui despontar, se maximizar nesta forma ou nesta imagem, será algo - é isso que a experiência nos mostra, só fazemos lê-la - que inaugurará como tal tudo quanto se apresentar, seja como conotação de uma ausência lá onde isso não deve estar, posto que isso não é, a saber, aquilo que faz considerar o sujeito humano que não tem o falo como castrado, e inversamente, para aquele que tem algo que pode pretender se parecer com ele, como ameaçado de castração.

23 de abril de 1958

Efetivamente se faço alusão aos mistérios antigos, é surpreendente ver que nas muralhas, os raros afrescos conservados, numa rara integridade, a da vila dos Mistérios em Pompei, fica exatamente no lugar onde está representado o desvendamento do falo. Surgem com uma grandeza absolutamente impressionante, estas personagens em tamanho real, estas espécies de demônios que podemos identificar por um certo número de cruzamentos. Há um deles sobre um vaso, no Louvre e em outros lugares. Estes demônios alados, de botas, não de capacete mas quase, armados de um *flagellum* começam a aplicar o castigo a uma das impetrantes, das principiantes que estão na imagem, isto é, a fazer surgir o fantasma da flagelação sob sua forma mais direta, na conexão mais imediata com o desvendamento do falo.

É muito claro também, por toda espécie de testes, de atestações trazidas até nós pela experiência - que não tem provado nada e que não pedem espécie alguma de investigação na profundidade dos mistérios - que em todos os cultos antigos é à medida que se aproxima do culto, isto é, da manifestação significativa da potência fecunda da grande deusa, tudo quanto se relaciona com o falo é objeto de imputações, de marcas de castração, ou de interdições sempre mais acentuadas. O caráter de eunuco dos sacerdotes da grande deusa síria, sendo algo muito reconhecido, reencontrado em toda espécie de textos.

É na medida, pois, em que o falo se encontra situado, coberto sempre por algo que é a castração, a barra posta sobre seu acesso ao campo significativo, isto é, sobre seu lugar no Outro com um grande O, aquilo por meio de que a castração se introduz no desenvolvimento. Não é nunca - notem-no diretamente nas observações - pela via de uma interdição, sobre a masturbação, por exemplo. Se lerem as observações de pequeno Hans, verão que as primeiras interdições não têm nenhum efeito para ele. Se lerem a história de André Gide, verão que seus pais lutaram durante todos os seus primeiros anos para impedi-lo de fazer isto, e que o *Professor Brouhardel*, ao mostrar as grandes picas e as grandes facas que tinha, porque já era moda nos médicos, ter em casa tais trecos, prometia que, se recomeçasse, ele lhe serraria isso. E a criança Gide conta que nem por um instante acreditou numa tal ameaça, porque na verdade, isso lhe parecia extravagante. Em outras palavras, nada mais além da manifestação episódica dos fantasmas do próprio *Professor Brouhardel*.

Não é disso que se trata. Como os textos e as observações o indicam, é na medida em que o ser no mundo, enfim, no plano do real, que menos razões teria de se presumir como castrado, a saber, aquele que tinha a oportunidade de sê-lo, isto é, a mãe, é todavia sob este ângulo, isto é, no nível do outro, no lugar onde se manifesta a castração no outro, onde está o desejo do outro, que está marcado na barra significativa de O aqui, é essencialmente por esta via que, para o homem, como para a mulher, se introduz algo específico que funciona como complexo de castração.

Quando falamos do complexo de Édipo no início do trimestre passado, enfatizei isso dizendo que primeiro e antes de mais nada, a primeira pessoa a ser castrada na dialética intra-subjetiva, é a mãe. É lá, primeiro, que é encontrada a posição de castração. É por causa disso que, conforme os destinos que são diferentes para o homem e para a mulher, na menina, porque a castração é encontrada primeiro no outro, que a menina reúne esta percepção com aquilo de que a mãe a frustrou, isto é, que é primeiro na forma de uma censura à mãe que aquilo que é percebido na mãe como uma castração, fica dado também como uma castração para ela. É sob este modo de rancor que vem se juntar aos das frustrações precedentes, que se apresenta primeiro para a menina - Freud insiste nisto - o complexo de castração.

23 de abril de 1958

E é porque o pai só vem aqui em posição de substituição para aquilo de que ela se acha frustrada, que ela passa para o plano da privação. É porque é no nível simbólico que se apresenta este pênis real do pai, do qual dizem que ela o espera como um substituto daquilo que ela percebeu como sendo sua frustração, que podemos falar neste momento de privação, com a crise que esta privação gera, e a encruzilhada que oferece ao sujeito de renunciar, ou a seu objeto, isto é, ao pai, ou a seu instinto, isto é, se identificar ao pai.

Resulta disso uma curiosa conseqüência. É que o pênis, justamente porque foi introduzido no complexo de castração da mulher sob esta forma de substituto simbólico, está na origem, na mulher, de toda espécie de conflitos do tipo daqueles que se chamam conflitos de ciúme, ou ainda conflitos de infidelidade do parceiro. Isto é sentido como uma privação real, quero dizer, com um acento todo diferente daquilo que pode representar o mesmo conflito visto do lado do homem.

Passo rápido, voltarei a isto, mas há uma coisa que devemos ver. É que se o falo se encontrar sob a forma barrada onde ele tem seu lugar como indicando o desejo do outro, todo o prosseguimento de nosso desenvolvimento vai nos mostrar como o sujeito deverá encontrar seu lugar de objeto desejado em relação ao desejo do outro. É conseqüentemente - sempre como Freud o indica a propósito de seu resumo tão notável sobre a criança castigada - é sempre na medida em que não tem o falo, que o sujeito deverá estar situado, que encontrará sua identificação de sujeito na medida - veremos isso - em que sujeito é, como tal, um sujeito marcado pela barra.

Isto se manifesta de maneira clara na mulher. Abordei hoje por uma simples indicação as incidências de seu desenvolvimento a propósito do falo. É por isso que a mulher se encontra presa num dilema - o homem também, aliás - insolúvel, que é aquilo em torno de que se deve colocar todas as manifestações típicas de sua feminilidade, neurótica ou não. É como o indiquei. Se trata de encontrar sua satisfação, a saber, primeiro o pênis do homem, e depois, por substituição, o desejo da criança. Isto é clássico. Só faço aqui indicar o que é corriqueiro na teoria analítica.

O que isso quer dizer? É que afinal de contas, para reencontrar uma satisfação tão profunda, tão fundamental como a maternidade, tão exigente, por sinal, tão instintual, ela só encontra satisfação pela via substitutiva. É na medida, eu diria, em que o pênis é um substituto, diria até feitiço, e a criança também é um feitiço, por um certo lado, que a mulher alcança o que estava dissolvido, seu instinto, sua satisfação natural.

Inversamente, para tudo quanto está na linha de seu desejo, ela se encontra ligada à necessidade implicada pela função do falo, de ser até um certo grau, que varia, mas de ser este falo na medida em que ele é o próprio signo daquilo que é desejado, e é a isso que respondem que sejam a função do falo, o que, naquilo que é considerado como, propriamente falando, a feminilidade, e toda a fase de exibição, a saber, aquilo em que a mulher se propõe como objeto do desejo, tudo quanto na função feminina, na medida em que se exhibe e se propõe como objeto do desejo, se identifica de maneira latente e secreta ao falo, isto é, em suma, situa seu ser de sujeito como falo desejado, como significante do desejo do outro, situa este ser além daquilo que se pode chamar de mascarada feminina, posto que, afinal de contas, tudo quanto ela mostra de sua feminilidade está precisamente ligado a esta identificação profunda, a um significante que está o mais ligado à sua feminilidade.

23 de abril de 1958

Vemos aparecer aí o papel e a raiz daquilo que podemos chamar de o acabamento do sujeito na via do desejo do outro, de sua profunda *Verwerfung* sua profunda rejeição enquanto ser, daquilo que nela, propriamente falando, aparece sob o modo feminino. Sua satisfação passa, pois, pela via substitutiva, e seu desejo se manifesta num plano onde ele só pode chegar a uma profunda *Verwerfung* a uma profunda estranheza de seu ser, àquilo em que nela deve aparecer.

Não pensem que para o homem a situação seja melhor. É até mais cômica. O falo, ele o tem, o infeliz, e o que o traumatiza é saber que sua mãe não o tem, mas como ela é muito mais forte, para onde vamos? É aí, neste medo primitivo para as mulheres, que Karen Horney mostrava uma das molas mais essenciais do complexo de castração. Da mesma forma que a mulher foi tomada num dilema, o homem é tomado num outro. É na linha da satisfação para ele que a mascarada se estabelece, porque afinal de contas, ele resolverá o problema do perigo que ameaça o que ele tem pelo que conhecemos bem, a saber, a identificação pura e simples àquele que tem as insígnias disso, àquele que tem todas as aparências de ter escapado ao perigo, isto é, ao pai. E, afinal de contas, o homem nunca é viril a não ser por uma série de procurações: estas vêm de todos os seus avôs e de todos os seus ancestrais, passando pelo ancestral direto.

Mas inversamente, na linha do desejo, isto é, na medida em que ele deve encontrar sua satisfação da mulher, ele vai procurar o falo também, e disso temos todos os testemunhos clínicos - voltarei a isso na próxima vez - e é porque ele não encontra este falo onde ele o procura, que o procura em todos outros lugares.

Em outras palavras, o pênis simbólico para a mulher está no interior, se assim se pode dizer, do campo de seu desejo, enquanto que para o homem, ele está no exterior; isto, para explicar-lhes que o homem, nas relações, têm sempre uma tendência centrífuga.

É, pois, na medida em que ela não é ela mesma, que ela está no campo de seu desejo. É preciso que ela seja o falo, que a mulher passará pela *Verwerfung* que a identificação subjetiva daquela que produz no nível da segunda linha, a que termina aí com um delta, e é na medida que ele também não é ele mesmo, na medida em que ele satisfaz, isto é, que ele obtém a satisfação do outro, que o homem, no amor, está fora de seu outro. Pois, é na medida em que ele não se percebe senão como o instrumento da satisfação do outro. É por isso que o problema do amor, afinal de contas, é o problema desta divisão profunda que ele introduz no interior das atividades do sujeito. É sempre porque aquilo de que se trata, segundo a própria definição do amor, é dar o que ele não tem, é, para o homem, dar o que não tem, a um ser que não tem o que não tem, isto é, que não tem o falo.